



O autista e o autômato

The autistic and the automaton

Clara Urzedo Rocha Motta

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Mestre em Psicologia (UFSC). Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

clara.urm@gmail.com.

O autômato é comumente definido como uma máquina capaz de funcionar sem o uso da eletricidade ou qualquer outra força externa; uma máquina que funciona, portanto, de forma automática e mimetiza a forma humana ou de animais. Tem-se como exemplo emblemático do autômato o cuco de um relógio ou uma roda d'água, mas também as versões computacionais e sua tentativa de replicar aquilo que seria o funcionamento da mente humana. No campo da Teoria da Computação, o autômato se define como modelo matemático de uma máquina de estados finitos e funciona reconhecendo uma determinada linguagem, aceitando ou rejeitando palavras em suas entradas.

Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que busca interrogar a constituição do autismo como objeto material-discursivo e sua relação com formas específicas de concepção da linguagem. Aqui, trata-se de pegar emprestado a figura do autômato para interrogar o acontecimento do autismo – leia-se: sua emergência histórica, sua espectralidade e a relação entre o aumento exponencial de casos no últimos anos e a virtualização das relações sociais. Neste íterim, objetiva-se traçar algumas reflexões a respeito da consonância do autista e do autômato, enquanto pista genealógica para pensar o autismo como fenômeno que se alastra da clínica à política.

Dizer do autismo como um acontecimento significa tratá-lo em meio a “uma disputa técnico-científico-semiótica e uma epidemia de significação” (Butturi Junior; Camozzato; Lara, 2024, p. 35). Os inúmeros sentidos atribuídos ao autismo produzem, evidentemente, efeitos materiais na forma como se vive o acontecimento

– não é tão somente uma construção discursiva, mas um engendramento específico da realidade, ou seja, de matéria e linguagem associadas.

Um acontecimento é caracterizado como um emaranhado material-discursivo onde matéria e significado estão mutuamente implicados (Butturi Junior, 2023; Butturi Junior; Camozzato; Lara, 2024). Essa implicação recíproca é chamada por Barad (2017) de intra-ação, conceito cunhado pela física e filósofa para recuperar a importância e a agência da matéria em relação à linguagem e às práticas discursivas. A intratividade contrasta com a noção de interação que pressupõe a existência anterior de elementos independentes e fundamenta aquilo que chamaremos de Análise Neomaterialista do Discurso (Butturi Junior; Camozzato, 2023), pois garante à matéria sua historicidade própria e ao discurso, uma materialidade.

Pensar o autismo como um acontecimento significa, portanto, interpelar as condições de possibilidade de sua emergência e o modo como ele se relaciona com um certo modo de vida contemporâneo; significa pensá-lo por meio da crítica, ou seja, “liberar as condições de aceitabilidade de um sistema e seguir as linhas de ruptura que marcam sua emergência” (Foucault, 1990, p. 15).

O aparecimento do termo autismo na História da Psiquiatria data o ano de 1928, quando o psiquiatra norte-americano Leo Kanner distingue do conjunto de crianças ditas “retardadas” do Hospital Harriet Lane Home nas dependências da Universidade John Hopkins em Baltimore, as que estariam classificadas na chamada síndrome do

autismo infantil precoce. Essas ideias foram posteriormente trabalhadas pelo psiquiatra no artigo "O nascimento do autismo infantil precoce" de 1943, onde ele discorre sobre as características únicas observadas nas crianças que chegavam ao seu consultório, sobretudo a imutabilidade típica no comportamento desses sujeitos, produtora de uma intensa solidão subjetiva (Thomas, 2013; Maleval, 2017).

De modo quase simultâneo, o alemão Hans Asperger em um artigo publicado em 1944 descreve uma síndrome similar a de Kanner, separada do tipo clínico da esquizofrenia. Asperger, por sua vez, dá ênfase no retraimento social que persiste durante toda a existência desses sujeitos, com limitações significativas e, sua sociabilidade. Ambos operam, à sua maneira, uma distinção do tipo clínico da esquizofrenia por meio da invenção de uma nova categoria clínica. Neste intervalo de quase 80 anos, o autismo passa por inúmeras modulações, até ganhar a forma espectral que vigora hoje sob a insígnia de Transtorno do Espectro Autista.

No campo psicanalítico, o autismo é marcado por uma miríade de perspectivas e hipóteses acerca de sua etiologia. Apesar das múltiplas leituras, há a intuição comum do autismo como uma espécie de patologia primitiva, ou seja, que se ancora numa experiência subjetiva anterior ao banho do sujeito pela linguagem. Robert e Rosine Lefort, psicanalistas de orientação lacaniana, irão caracterizar o autismo como modo de estruturação psíquica marcado por uma relação destrutiva com Outro - esse Outro maiúsculo da teoria lacaniana que não designa uma alteridade, mas a própria linguagem e cultura. Esse Outro para o autista é real, sem furo e sem objeto dedutível; em termos lacanianos, ele não passa pela alienação significativa e pela possibilidade de separar-se de seu objeto pulsional.

A expressão lacaniana de banho pela linguagem dá a ver o fato de que, na perspectiva psicanalítica, "falar não é um ato cognitivo, é um arrancamento do real" (Laurent, 2016, p. 23). Nesse sentido, a dificuldade do sujeito autista de falar e retraimento em seu mundo mudo não se deve à uma dificuldade cognitiva

no processamento da linguagem, mas no fato de não ver as palavras à serviço da comunicação humana. Bialer, em *A linguagem no autismo* (2017), explora a importância da escrita para autistas não-falantes e a singularidade da forma de aquisição da linguagem por meio da análise da autobiografia da australiana Lucy Blackman, que diz da linguagem escrita como sua língua materna.

O empréstimo da figura do autômato não não decorre meramente da presença de movimentos repetitivos na sintomatologia autística - dessa aparente mecanicidade comportamental que permeia certas percepções sociais sobre o transtorno. Trata-se, antes, de estabelecer não uma relação linear ou dedutiva, muito menos de reduzir a singularidade autística à lógica maquínica, mas de articular essas duas figuras para problematizar determinada concepção de linguagem e, por extensão, questionar uma definição de humano restrita à esfera da simbolização. Isso porque o autômato é uma máquina de linguagem e o autismo advém justamente como aquele que não fala, mas que, ainda assim, sustenta uma posição singular face à potencialidade das palavras.

Nos anos 80, observa-se uma virada da ciência cognitiva que incide sobre a compreensão do autismo. Essa virada é usualmente descrita por meio da publicação do III DSM (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais), que inclui o autismo como patologia específica dentro dos chamados Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Essa virada na abordagem no autismo começa a se consolidar nos anos 70 com inúmeras pesquisas tais como as de Rutter e Schopler⁴ (1978), Folstein e Rutter⁵ (1977) e a de Lorna Wing⁶ (1981) que, de maneira

geral apontam para diferentes níveis de gravidade, para a noção de espectro autista e para a junção do autismo e da Síndrome de Asperger como uma única patologia, respectivamente. É também nesse momento em que começam a vir a público aptidões especiais de pessoas diagnosticadas com autismo para o cálculo e atividades mnemônicas ou musicais - o que produz uma estranha simpatia no corpo social, atenuando a imagem negativa do transtorno.

Segundo Maleval, "o espectro do autismo é uma noção vaga, com limites tênues; ela se impõe, contudo, a partir da clínica, e não de uma hipótese etiológica; ela sugere a existência de um mesmo modo de funcionamento subjetivo por trás de uma grande variedade de quadro clínico" (2017, p. 84). O espectro pode ser definido como um arranjo de componentes em dispersão, uma imagem fantasmática, uma coisa vã e falsa ou um conjunto de elementos que formam um todo. A polissemia da palavra servirá para interrogar a aceitabilidade do termo e sua persistência apesar das abruptas e consecutivas modulações de sua figura. Cabe salientar que tais modulações acompanham variações advindas do campo da Ciência da Linguagem.

"o surgimento do autismo e seu tratamento são duas facetas de um mesmo acontecimento, a saber, o advento contemporâneo de uma nova concepção científica da linguagem: a linguagem concebida como um instrumento de comunicação que se poderia aprender de maneira experimental, digamos assim, unicamente por condicionamento" (Thomas, 2013, p. 353-354).

À guisa de conclusão, a figura do autômato, enquanto máquina de linguagem e modelo de funcionamento autossuficiente, serve como uma metáfora produtiva para interrogar a constituição do autismo como fenômeno material-discursivo. Se o autômato opera dentro de um sistema fechado de regras, reconhecendo e rejeitando entradas conforme sua programação, o autismo, por sua vez, desafia as concepções tradicionais de linguagem e subjetividade, expondo os limites de

⁴ RUTTER, M.; SCHOPLER, S. L'autisme. Une réévaluation du concept et du traitement. Paris: PUF, 1978 apud MALEVAL, J. C. O autista e sua voz. São Paulo: Blucher, 2017.

⁵ FOLSTEIN, S.; RUTTER, M. Infantile autism: a genetic study of 21 twin pairs. *Journal of child psychology and psychiatry*, 1977, 18 apud MALEVAL, J. C. O autista e sua voz. São Paulo: Blucher, 2017.

⁶ WING, L. The relation between Asperger's syndrome and Kanner's autism. In: FRITH U. *Autism and Aspergers syndrome*. Cambridge

University Press, 1991 apud MALEVAL, J. C. O autista e sua voz. São Paulo: Blucher, 2017.

uma definição puramente simbólica do humano. Se o autômato é a máquina que imita o humano, o autismo, em sua resistência à assimilação linguística, nos força a repensar: o que, afinal, define o humano quando a própria linguagem se torna território de disputa? A resposta, tal como o espectro, permanece aberta – não como déficit, mas como possibilidade.

Palavras-chave:

Autismo. Autômato. Linguagem. Pós-humano.

Key-words:

Autism. Automaton. Language. Post-human.

Referências

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. Vazantes, v. 1, n. 1, 2017.

BIALER, M. M. A linguagem no autismo. In: Psicologia em Estudo, v. 22, n. 4, dez. 2017. pp. 587-595.

BLACKMAN, L. Carrying autism, feeling language: beyond Lucy's Story: autism and other adventures. Brisbane: Australia: Book in Hand, 2013.

BUTTURI JUNIOR, A.; CAMOZZATO, N. M.; LARA, C. de A. Tecnologia, corpo, discurso: uma proposta neomaterialista dos dispositivos. In: Discursos, letramentos e tecnologias: reflexões sobre saberes e práticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

BUTTURI JUNIOR, A. Notas sobre o Tecnobiodiscursivo e a análise materialista dos discursos: chemsex na intra-ação material-discursiva. In: Pós-humano, novos materialismos e linguagem. Campinas: Pontes editores, 2024.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, v. 82, n 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

LAURENT, E. A batalha do autismo: da clínica à política. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEFORT, R.; LEFORT, R. O Nascimento do Outro. Trad. A. Jesuíno. Salvador: Ed. Fator Livraria, 1984.

MALEVAL, J. C. O autista e sua voz. Trad. Paulo Sérgio Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017.

PASSOS, E. Pós-Naturalismo e ciência da subjetividade: o problema do tempo e da autonomia no cognitivismo contemporâneo. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, v. 2, n. 1 e 2, 1994.

THOMAS, Marie Claude. Introdução para uma genealogia do autismo. Em: Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 45.2, p. 339-366, 2013.